



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -
Associada ao programa de mestrado Proletras-UPE-Garanhuns -
aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS
ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

AFRICANISMOS LEXICAIS NA LÍNGUA PORTUGUESA FALADA EM PERNAMBUCO

Edmilson José de Sá (AES-A-CESA)

Resumo: Este trabalho tem o intuito de apresentar um recorte das ocorrências lexicais registradas no *Atlas Linguístico do Pernambuco*. O referido atlas contempla diversos aspectos do português falado no estado relacionados à fonética, ao léxico e à morfossintaxe, identificados a partir de uma pesquisa realizada em 20 municípios distribuídos entre Afrânio e Recife e entre São José do Egito e Tacaratu. No caso do léxico, foram construídas 47 cartas linguísticas, que registraram as variantes inseridas no mapa de Pernambuco, a fim de que se compreenda diatópica e diastraticamente o que prevalece numa localidade em detrimento de outra. Do *corpus* coletado, foram identificados itens pertencentes a diversos campos semânticos originários das línguas latina, africana e indígena. Contudo, para o momento, será feito um panorama descritivo das respostas relacionadas à origem *africana*, a exemplo de *cambumba*, *cassaco*, *mondongo* e *sabugo*. A partir de uma literatura especializada em etimologia e léxico (FERREIRA, 2004; NAVARRO, 2004; LUCENA, 2010; LOPES, 2012), será feita uma abordagem pautada na lexicografia, acrescentando não apenas um posicionamento linguístico, mas também enciclopédico, com respaldo teórico de autores que já tenham citado o item lexical em outras referências. Assim, será possível, para efeito conclusivo, compreender um pouco do vocabulário do pernambucano e tecer comparações com outros falares nordestinos, de modo a ratificar a riqueza cultural do português falado no Brasil e valorizar a cultura africana como parte integrante da construção da identidade da população do país.

Palavras-chave: Atlas Linguístico. Pernambuco. Léxico. Africanismos

INTRODUÇÃO

Estão cada vez mais em evidência trabalhos sobre a descrição de fenômenos linguísticos do português brasileiro em eventos acadêmicos e como resultados de pesquisas de Graduação e Especialização tanto de nível *lato* quanto *stricto*. Para isso, os teóricos se valem da Sociolinguística, quando visam à explicação de determinados comportamentos fonéticos, léxicos e morfossintáticos sob a interferência de dimensões sociais, da Dialetoлогия a partir do método da Geolinguística que explicam a variação segundo a dimensão espacial e da Etnolinguística, que propõem a análise das variantes conforme a cultura do falante.

Através da Dialetoлогия e da Geolinguística, registram-se os itens variáveis em cartas linguísticas, organizadas a partir dos mapas do ambiente investigado nos quais são compreendidas as ocorrências que se sobressaíram em inquéritos previamente realizados.

No caso do léxico, é possível, ainda, verificar as origens etimológicas de cada item e, dessa forma, chega-se a explicações diatópicas, diastráticas e diacrônicas para compreender o porquê de determinada variante lexical ser registrada em determinada comunidade linguística.

Diante das informações preambulares, pretende-se, neste artigo, analisar a variação lexical em Pernambuco, usando, para esse fim, o *corpus* coletado para a construção do atlas linguístico do estado. Na ocasião, serão selecionados os itens lexicais cuja variação partiu da influência africana, de modo a compreender melhor a participação dos povos dessa etnia na constituição do português falado pelos pernambucanos e, por extensão, pelos brasileiros, em geral.

1 ESTUDOS SOBRE AFRICANISMOS NO PORTUGUÊS DE PERNAMBUCO

Já é senso comum que a história do Brasil se inicia com a colonização das terras pelos portugueses quando só havia índios. Na tentativa de usar esses povos na obtenção de mão de obra para a extração da madeira, de outras atividades agrícolas e para a busca das riquezas minerais, os portugueses não obtiveram sucesso, tendo, portanto, que recorrer a outros meios. Chegaram, então aos africanos que vieram ao país latino como escravos. Assim, com a mistura de negros, índios e brancos portugueses, deu-se início à formação do verdadeiro ‘português brasileiro’.

Amaral (1920), Nascentes (1922) e Marroquim (1934) foram os primeiros estudiosos em língua portuguesa falada no Brasil a mostrar influências africanas. Esse último, por exemplo, ao tratar a chamada ‘Língua do Nordeste’ com ênfase ao Estado de Alagoas e a Pernambuco, teve grande preocupação com as questões lexicais, elencando, inclusive, vocábulos relacionados à culinária e à alimentação como *aluá, fubá, angu, dendê, quiabo, quibebe* e *inhame*; à música e manifestações culturais como *batuque, berimbau, carimbó, ginga, marimba* e *maxixe*; a manifestações religiosas como *Nagô, Ogum, capeta*; ao convívio e comportamento social como *banzé, cafuné, fuzuê, muxoxo* e *mulambo*; à fauna como *calango, camundongo, gongá, gorila, orangotango* e outros aspectos.

De modo mais específico, Castro (2001, p. 47), ao dividir o país quanto às questões etnolinguísticas de natureza africana, seleciona os grupos *banto* e *jeje-mina* como grandes influências para o português falado em Pernambuco. Isso parece já ter se confirmado no trabalho de Mendonça (1973, p. 68), que registrou adjetivos oriundos do banto no português falado em Pernambuco do século passado a exemplo de “caciongo” (triste), “cafuçu” (indivíduo grosseiro), “cangulo” (leitão, porquinho), “manzanza” (preguiçoso), “banguelo” (sem dentes), “dunga” (valente), “granzanzá” (desengonçada), “cassange” (divino), “inganzenzo” (rabujento, malcriado) e “macambúzio” (triste).

Silva, O. (2011) analisou em sua dissertação a mesma questão, mas com *corpus* literário selecionado de poemas de Ascenso Ferreira. No trabalho, a autora registrou sessenta vocábulos de origem africana e também alguns fenômenos linguísticos da fala e do português popular que são atribuídos à influência africana, como o apagamento do /r/ no final das palavras e a falta de concordância nominal.

Em termos de fonética, cabe lembrar o trabalho de Silva, A. (2015) em que ela trata da influência africana na fala dos moradores do município de Arcoverde, apresentando casos de metátese – *p[ah]tileira*, monotongação – *pen[e]ra*, apócope – *traz[e]*, despalatalização – *co[l]er* e aférese – *[ø]ftosa*.

2 DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E ESTUDOS LEXICAIS

Os estudiosos em descrição linguística usam a Dialetologia para investigar as realizações linguísticas de uma dada comunidade, sem necessariamente, interpretá-las à luz de restrições externas, mas dentro da própria estrutura da língua ou, como tem sido mais recorrente, com a adoção do método cartográfico emprestado pela geografia, daí o fato de esse método ser chamado de *Geografia Linguística* ou, simplesmente, *Geolinguística*.

A aplicação desse método, embora ainda pouco conhecido e não alcunhado foi pensada por Nascentes (1958), visando à realização de uma descrição detalhada no idioma falado no Brasil. Contudo, esse feito pareceu mais difícil do que ele pensava. Assim, o linguista adiou a elaboração de atlas regionais e também o seu projeto de Atlas Linguístico de Brasil. Nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico de Brasil*, o autor preconiza que:

[...] embora seja muito vantajoso um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, *op cit*, p. 07).

Desde o fim dos anos cinquenta, portanto, estão sendo ampliados alguns trabalhos importantes que têm servido de apoio teórico aos estudos variacionistas e, pelo *continuum*, para as pesquisas geolinguísticas mais recentes.

O trabalho pioneiro de Nelson Rossi em 1963, chamado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, foi a deixa para a confecção de vários outros trabalhos hoje encontrados tanto nas bibliotecas do Brasil, como fora delas.

Após o estudo realizado na Bahia, foram construídos o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – 1977*, o *Atlas Linguístico da Paraíba – 1984*, o *Atlas Linguístico de Sergipe – 1987*, o *Atlas Linguístico de Paraná – 1994*, o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – 2002*, o *Segundo Atlas Linguístico de Sergipe – 2005*, o *Atlas Linguístico Sonoro de Pará – 2004*, o *Atlas Linguístico do Amazonas – 2004*, o *Atlas Linguístico de Paraná - II – 2007*, o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – 2007*, o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará – 2010*, o *Atlas Linguístico de Goiás – 2012*, o *Atlas Linguístico de Pernambuco - 2013*.

Existem, ainda, alguns atlas regionais em fase de implantação, que pertencem aos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Pará e Alagoas, além de outras dissertações e pesquisas já concluídas ou em elaboração, enfocando atlas microrregionais.

Nos atlas linguísticos mencionados, são registradas tanto diatópica quanto diastraticamente variantes de natureza fonética, léxica e morfossintática. Nesse prisma, cabe salientar que o léxico de um povo é bastante variável graças à história e à cultura do falante que detém um vocabulário transmitido de geração pra geração, o que se confirma nas palavras de Biderman (2001, p. 179) quando assevera que o léxico reflete “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através do tempo”, ou seja, o léxico de uma língua constitui um grande banco de dados sobre as palavras e outras unidades usadas na linguagem espontânea.

3 QUESTÕES METODOLÓGICAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

O *corpus* utilizado para este artigo partiu dos dados utilizados para a construção do *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*, que seguiu os parâmetros do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com a seleção de quatro informantes em cada ponto de inquérito, distribuídos equitativamente quanto ao sexo, a duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e a escolaridade que não tenha ultrapassado o quinto ano do ensino fundamental (antiga quarta série), à exceção da capital, que também requer informantes com curso superior completo.

Foram, então, escolhidos 20 pontos de inquérito distribuídos nos quatro cantos do Estado, escolhidos segundo sugestões de Ferreira & Cardoso (1994), segundo as quais, é necessário ter mente a realidade socioeconômica, os aspectos históricos e a importância do município para o Estado.

Os pontos escolhidos foram:

01	Afrânio	08	Serra Talhada	15	São Bento do Una
02	Petrolina	09	Custódia	16	Taquaritinga do Norte
03	Santa Maria da Boa Vista	10	São José do Egito	17	Caruaru
04	Ouricuri	11	Tupanatinga	18	Palmares
05	Salgueiro	12	Arcoverde	19	Limoeiro
06	Floresta	13	Águas Belas	20	Recife
07	Tacaratu	14	Garanhuns		

Quadro 1: Pontos de inquérito do ALiPE

Aos informantes foram feitas questões que possibilitam análises fonético-fonológicas, semântico-lexicais e morfossintáticas, às quais foram acrescentadas perguntas de cunho pragmático e prosódico, que são responsáveis por reflexões sobre graus de formalidade e sobre a construção de orações das mais variadas tipologias. Tais questões foram retiradas dos Questionários do ALiB (2001) e, junto a elas, também foram inseridas questões de cunho específico do Estado, usando, para tanto, campos semânticos sobre *frevo*, *maracatu*, *renascença* e *barro*, totalizando, assim, a quantia de quatrocentos e sessenta e uma questões.

Concluídos os inquéritos e as transcrições das respostas, foram feitas tabelas que registraram as ocorrências mais relevantes e, *a posteriori*, foram construídas 6 cartas introdutórias e 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e 8 cartas morfossintáticas, que possibilitaram o registro cartográfico das ocorrências mais relevantes.

4 DESCRIÇÃO DE AFRICANISMOS LEXICAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM PERNAMBUCO

Deixando os estudos fonéticos e morfossintáticos para trabalho posteriores, segue, nesta seção, a catalogação dos itens lexicais registrados no *Atlas Linguístico de Pernambuco* (ALiPE), de origem eminentemente africana, com breves explicações quanto à origem e o uso comum.

Ataca s.f.

Prendedor de cabelo feito de arame ou ferro recurvado.

Var. taca, traca

Para Lopes (2012, p. 238), o termo parece ter vindo do quicongo *ntaka – pouco espesso, laminado, delgado, fino.

Houaiss (2009) oferece dois sentidos provenientes da origem do verbete: tira de couro, cordão ou fita com que se prende uma coisa a outra, e especialmente peça de vestuário ou um cordão para amarrar sapatos. Há, ainda, registros sinônimos de *cadarço* e *atacador*. Em Pernambuco, o regionalismo é usado no sentido de um *prendedor de ferro* também chamado de *tic-tac*.

Banguê s.m.

Pedaço de pau ou tábua usado sobre um riacho para atravessar.

Segundo encontrado em Lopes (2012, p. 44), de origem banta, mas de étimo ainda não exatamente determinado. Há o caracterize como originário do quimbundo *bangue*, mas apresenta algumas suposições: do nianja **bangwe*, ‘espécie de guitarra’, do quimbundo **mbangala*, ‘bengala’, do quicongo **mbúngu*, ‘cipó’, do quicongo **mbánza*, ‘metade de um bambu’, do quimbundo **mbangu*, ‘pá’.

Marcena (2011, p. 104) faz referência à maquinaria usada nos engenhos de cana-de-acúcar de Pernambuco. Contudo, em Cascudo (1954, p. 83), há uma designação referente à

padiola usada para transportar materiais de construção, animais e cadáveres. Houaiss (2009), além de confirmar esse conceito, acredita ser um regionalismo encontrado em outras partes do Brasil.

Cacimba s.f.

Rio pequeno com uns dois metros de largura

Segundo encontrado em Lopes (*op cit*, p. 59 – 60), o termo advém do quimbundo *kixima*, ‘poço’. O autor ainda cita algumas referências sobre a utilização do termo. Para ele, trata-se de um lugar próprio para tirar água do rio ou lago. Na Angola pré-colonial, *kasimba* era o nome dado às reservas naturais de água potável da localidade de Maianga. Pereira da Costa (1957, p. 144), por sua vez, cita a *cacimba* como uma espécie de poço cavado na terra, para abastecimento d’água, de forma quadrada ou circular, revestido de parede de tijolo a ponto de passarem as águas subterrâneas. Ele ainda menciona que um dos donatários de Pernambuco, Marquês de Basto, ao escrever as *Memórias Diárias de la Guerra del Brasil* faz referência às *cacimbas* da ilha de Santo Antônio na época da invasão holandesa em 1630.

Cambumba s.f.

Brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado.

Segundo encontrado em Lopes (2012, p. 69) o termo certamente tem origem banta, mas não apresenta sua etimologia. Curiosamente, Pereira da Costa (1937, p. 169) conceitua o verbete em tela como um peixe encontrado em Fernando de Noronha. Não há, pois, menção quanto ao sentido de brincadeira infantil.

Cangambá s.m.

Mamífero que carrega os filhos numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado.

Var. *cambambá*, *camambá*

Embora em alguns dicionários, haja referência ao termo como oriundo do tupi, Lopes (2012, p. 74), ao contrário, cita outras duas etimologias: *ikangamba*, ‘zorrilho’ e do quioço, *kangamba*.

Capemba adj.

Qualidade da pessoa que puxa de uma perna.

Proveniente de *catenga*, do quimbundo *kaditende*, ‘lagartixa’. (LOPES, *op cit*, p. 83). Ele também cita o termo **katenga*, do quimbundo, ‘uma espécie de rato formigueiro de pelo grosso e fosforescente’.

Segundo Pereira da Costa (1957, p. 187), o termo constitui um regionalismo cearense para designar o invólucro do cacho da palmeira quando nova ou o pé da folha. Aqui parece ter semelhança analógica à *capenga*, por influência fonética. Esse termo advém do quimbundo, *kiapenga*, ‘coxo’. Lopes (*op cit*, p. 77), por sua vez, adverte para o fato de que, em línguas bantas, vocábulos contendo o núcleo ‘eng’ estão associados à ideia de *manquejar*, *coxear*. Isso é ratificado em Bernardino (2002, p. 62).

Cassaco s.m.

Ver *cangambá*

De provável origem banta. Lopes (*op cit*, p. 82) cita o quicongo, **kasakana*, ‘trabalhar’.

O mesmo autor cita que tal acepção pode ter decorrido do trabalho nos engenhos, pela folclórica predileção do *gambá* pela aguardente de cana. Já Pereira da Costa (*op cit*, p. 212)

acredita que o nome adveio da corruptela de ‘com + saco’, por conta da bolsa que o animal tem na barriga para carregar seus filhotes.

Caxingar v.

“Quando tá *caxingando*, mancando.”

Var. *cachimbar* [kaʃi, »ba]

Lexicógrafos apontam a variante *cachimbar* como construída a partir de *cachimbo*, de origem controversa, mas provavelmente vem do quimbundo *ki'xima*, ‘poço’ + sufixo *ar*.

Navarro (2004, p. 105) aponta o verbo *caxingar* como forma lexical do falar piauiense. Já Marcena (2011, p. 186) traz apenas a referência do verbo *cachimbar* no sentido de *cochilar*. Essa, portanto, não é dicionarizada com o sentido encontrado em Pernambuco.

Gimbá s.m.

Ver *cangambá*.

Não foi encontrada referência à etimologia do verbete, mas é provável ter vindo do quicongo **ngimba*, que carrega ou produz grandes frutos. Lopes (2012, p. 125) registra o verbo ‘gimbar’, de origem semelhante, no sentido de ‘carregar peso’.

Longuinho s.m

Protuberância laríngea existente junto à laringe, principalmente no pescoço masculino

Var fon. *longuim* [lo, »gi,]

Var *lombinho*

Tudo leva a crer que se trata de uma alteração fonética de *lombim*, variante popular de *lombinho*. Lopes (*op cit*, p. 146) afirma que esse verbete se constitui de uma redução de *calombo*. Para ele, o termo adveio do banto, mas de étimo não exatamente determinado e, por esse motivo, lança algumas sugestões: do quimbundo **mulumbu*, ‘corcova ou excrescência que se forma no umbigo’; do quicongo **lombu*, ‘fruto da seringueira’; do umbundo **lombolo*, ‘broto’; do quioco **lombi*, ‘pequenos bagos negros da árvore *lombo*, que se esmagam para fazer tinta, quando maduros’; do quioco **kalombo*, ‘figura do culto *hamba* em forma de chifre’. Ferreira (2004) ainda sugere uma relação com *lobinho* influenciado por *calombo*.

Macaco s.m.

Brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra ou objeto semelhante em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto.

Segundo Lopes (2012, p. 149), o verbete adveio do quinguana *makako* ‘pequeno símio’, mas cita outras hipóteses: do lingala *makako* e do quicongo do oeste (vili ou cabinda) **makako*, plural de *kaku*, *kaaku*.

Em Cascudo (1954, p. 6) há a referência à variante ‘jogo da macaca’ ou ‘pular macaco’ em Portugal. Navarro (2004, p. 288) aponta o verbete com o sentido idêntico na Bahia, o que foi ratificado em pesquisas documentadas por Ribeiro (2012), que também resultaram no registro das variantes ‘macaquinho’ e ‘macacão’, sendo essa última também catalogada em Sergipe, Piauí e Mato Grosso.

Mondrongo s.m.

Segmento ou saliência óssea que, em cada um dos membros inferiores, se situa entre a perna e o pé.

Não há consenso entre os etimólogos quanto à origem do verbete, o que também recai no conceito dicionarizado. Porém, a constatação de ser uma variante de *mondongo* é unânime. Houaiss (2009), por exemplo, admite uma origem controversa e conceitua como pequena inchação (calombo, protuberância) causada por pancada. Lopes (*op cit*, p. 177), no entanto, vai mais além em seus pesquisas e apresenta possíveis etimologias de origem banta. De início, ele sugere o quicongo *mu-ndongo* ‘escravo’, como eram chamados os naturais de Angola, mas no sentido de inchaço, ele propõe a origem advinda do iaca *mundongo* ‘barril grande, pipa’. Além disso, o autor ainda conceitua o termo como pequena intumescência no corpo, galo e, para isso, apresenta a origem do quicongo *ngongo* ‘espécie de feijão’.

Pereira da Costa (1937, p. 499) cita o verbete *mondongo* como ‘pé’, Bernardino (2002, p. 133) o registra como ‘inchaço’ e apenas Navarro (*op cit*, p. 237) o caracteriza como *tornozelo*, mencionando se tratar de um regionalismo sergipano.

Pinguela s.f.

Ver *banguê*

Há incerteza quanto ao étimo que originou o verbete. Houaiss (2009) não arrisca e afirma ser de origem duvidosa enquanto Ferreira (2004) sugere ter advindo de *pingar*, considerando a origem latina *pendicare* ‘prender’. Lopes (*op cit*, p. 202), por sua vez, atribui origem banta. Para ele, o verbete veio do ronga *pinga* ‘pau com que duas ou mais pessoas transportam a carga’ ou proveniente da raiz do quicongo *mpingu* ‘tronco grosso de árvore para lenha’.

Quenga s.f.

Mulher que se vende para qualquer homem.

Para Lopes (2011, p. 208), o verbete provavelmente advém do quimbundo *penga* ‘prostituta’. Porém, para Marcena (2011, p. 803), o étimo é conferido ao quimbundo *kienga* ‘tacho’, no sentido de ‘juízo’, como também é conceituado no Nordeste, levando em conta a expressão ‘perdeu o quengo’ que significa ‘perdeu o juízo’, ‘virou prostituta’

Sabugo s.m.

Cigarro antigo enrolado à mão.

Embora Nascentes (1955, p. 452) confira a origem ao latim *sabucus*, Lopes (*op cit*, p. 224), no entanto, aventa outras possibilidades. Depois de ouvir referências sobre o quimbundo *sabuka* ‘brutar’, esse autor acredita que o étimo adveio do quicongo *sabuku* ‘rolha para fechar tonéis’.

Zambeta adj.

Ver *capemba*

Em Houaiss (2009), o verbete adveio de *zambo* + *eta*. E *zambo* teria como origem hipotética o latim vulgar *strambus* pelo latim clássico *strabus* ‘vesgo, torto dos olhos’, a partir do grego *strabós*. Já para Lopes (*op cit*, p. 261), a origem partiu do quicongo *nzambu* ‘macaco que vive em árvores, pulando de um galho a outro’. O referido mamífero tem características disformes e muito selvagens.

Pereira da Costa (1937, p. 758) cita, também, registro de 1902 em um jornal pernambucano: “Um certo comerciante *zambeta* que diz ter cara dura e que ninguém o enfia.”

CONCLUSÃO

A partir deste estudo, fica clara a importância dos povos de origem africana para a constituição da cultura linguística do povo pernambucano e, pelo *continuum*, do povo

Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco. 1ª ed. Recife: Editora da UFRPE, 2015
SILVA, Odailta Alves da. A influência africana no português em Pernambuco: um mergulho em Ascenso Ferreira. **Dissertação de Mestrado.** Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2011.